

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 9 — 16 DE DEZEMBRO DE 1935

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



FRANCES GRANT
DA
FOX

Na próxima 2.^a feira: UM SENSACIONAL NÚMERO DO NATAL

Os filmes portugueses e a conquista dos mercados estrangeiros



Shirley e sua mãe, à porta dos estúdios da Fox



Lilian Harvey. em Rosas Negras, o novo filme da Ufa.



Alexandre Korda e H. G. Wells, respectivamente, realizador e autor de A Vida Futura, trocam impressões, entre a filmagem de duas cenas, daquela película da London.

LUIZ de Oliveira Guimarães, que menos sempre com o maior prazer, publicou, na página cinematográfica da «República», uma crónica sobre cinema nacional, encarando-o sob o prisma da sua expansão além fronteiras. Sem pretensões de polémica, queremos bordar algumas considerações sobre o assunto, que é dos tais que merecem a nossa melhor atenção, dada a sua transcendente importância.

Procura o articulista enumerar quais os motivos que justificam o facto das «produções cinematográficas portuguesas não conseguirem ultrapassar ainda comercial e industrialmente, as nossas fronteiras». E escreve:

«Se procurarmos as causas deste facto, temos de as enforçar, primeiro na impossibilidade de competirmos com os grandes estúdios estrangeiros, quer pelo número de artistas especializados, quer pela facilidade das realizações técnicas; e temos de as encontrar depois na circunstância dos nossos filmes, explorando em regra «fait-divers» estruturalmente bairristas — chamemos-lhe assim — não poderem interessar um meio que não seja o nosso. Se examinarmos as nossas grandes produções, nos domínios do cinema, veremos, sem dificuldade, que elas têm explorado apenas motivos de natureza restrita, quer pelo que diz respeito às figuras («Severas», «Cancão de Lisboa», e, em preparação, «Bocage»), quer pelo que diz respeito ao conflito dramático e à construção técnica («Pupilas», «Gado Bravo» e, em projecto, «Amor de Perdição»). Nenhum dos assuntos que inspiraram os filmes citados, assuntos de interesse, de sugestão e de psicologia puramente locais, estão destinados a poder despertar, em ambiente diverso do nosso, uma curiosidade que não seja meramente episódica e, por consequência, incapaz de constituir um êxito manifesto de bilheteira».

Quanto a nós, atendendo às circunstâncias em que vive a nossa indústria, consideramos uma utopia, esta de se pretender exportar os nossos filmes, sobretudo por que, lá fora, o mercado, dia a dia, se torna mais difícil,

para os filmes que não sejam falados na língua dos respectivos países.

A barreira da língua é a primeira e a mais importante a vencer, no dia em que os filmes portugueses pretendam conquistar os mercados estrangeiros — e foi essa, justamente, que o sr. Luiz de Oliveira Guimarães não citou na sua crónica.

Assim, o êxito dos nossos filmes no Brasil não se deve atribuir «a um conjunto de circunstâncias sentimentais bem conhecidas de todos», como o articulista pretende, mas principalmente, ao facto de serem falados numa língua que é integralmente compreendida pelo público dos cinemas brasileiros.

O facto dos nossos filmes explorarem «fait-divers» estruturalmente bairristas (do que, aliás, não é o caso das «Pupilas» e do «Gado Bravo»), não tem importância. A «forma» é que categoriza um filme e lhe dá prestígio, lá fora. René Clair, fez «Sob os Telhados de Paris», o mais bairrista dos filmes franceses, e impô-lo, pela sua técnica, em todo o mundo. Os russos conseguiram conquistar os mercados mundiais, com filmes tipicamente russos, no conflito, nas personagens, nos quadros em que decorre a acção. É por isso que discordamos inteiramente do articulista, quando diz:

«As grandes produções, destinadas a ultrapassar as fronteiras do país em que foram feitas, têm de explorar figuras e ambientes que, pela sua universalidade, possam interessar os meios mais diversos. Poderemos nós tentar esse cinema? Creio que sim. «A minha noite de núpcias», comédia curiosa em que se revelam alguns excelentes artistas portugueses, permite-nos supor isto mesmo».

De facto, a comédia tipo-«Minha Noite de Núpcias» é o género que menos deve interessar o nosso cinema. Não tem personalidade, características próprias — é teatro filmado, apenas. Os franceses fazem mil e um filmes, nesse género, em regra mal feitos. Os americanos tentam-no, por vezes, e dão-nos obras-primas como «Os Noivos de Mary». A comédia-tipo-internacional, que Luiz de Oliveira Guimarães preconiza, é a mais pe-

rigiosa para o nosso cinema: 1.º, porque os nossos cineastas não têm a experiência bastante para resolver, dentro dos princípios cinematográficos, os problemas técnicos desses filmes; e 2.º, porque não temos actores capazes de interpretar, com convicção, papéis estilo Clark Gable, Joan Crawford, Robert Montgomery, etc.

E o êxito desse tipo de filmes reside no «découpage», na realização, e na interpretação — pois, em regra, não têm, a defendê-los, as paisagens, as grandes reconstituições históricas, os quadros imponentes de figuração, etc., etc.

Somos dos que defendem, contra tudo e contra todos, o cinema português, profundamente nacional, nas figuras, nos conflitos e na acção. Portugal é rico de pitoresco, de costumes, de paisagens, de folclore. Aproveitemos, integralmente, esses elementos preciosos, não para satisfazer um nacionalismo exacerbado, mas para dar aos filmes nacionais um cunho diferente, que os distinga em toda a parte, que lhes dê um encanto novo. Fazer filmes, que se pareçam, nesta cena, com o filme francês A; naquela, com o filme americano B; numa terceira, com o filme russo C — é rematada loucura, porque perdemos no confronto. Os outros têm mais experiência, mais técnica, mais recursos, mais dinheiro do que nós — é asneira estabelecer a confusão, que nos não beneficiará, em coisa alguma.

Façamos, pois, filmes «bairristas», sem a pretensão de os mandar lá para fora. E cedo, ainda... Depois, talvez... Mas dobrados, ou com versões. Leitão de Barros espere fazer uma versão espanhola de «Bocage». É uma experiência a tentar — e que nos permitirá tirar conclusões seguras. E se «Bocage», como é de crer, tiver elementos espectaculares que o imponham, e uma técnica limpa e segura — «Bocage» conquistará Portugal e Brasil, e os países das versões respectivas que se tentarem.

Sobretudo, porque vencerá, assim, a barreira da língua — a maior de todas que se levanta à importação, nos mercados estrangeiros...

FERNANDO FRAGOSO.

Projectos de estrélas

Greta Garbo, declarou que vai levar para Hollywood os seus dois irmãos, donde se deduz que tenciona fixar residência na Cidade do Filme, durante mais tempo do que se supunha. No entanto, é bom não nos fiarmos...

Marlene, por seu turno, declarou, também, que tencionava abandonar a América, logo que terminasse «Desejos» e «Hotel Imperial». Pretendia ir viver para Londres, Viena, Berlim ou Paris, para voltar a filmar sob a direcção do seu ex-realizador e «inventor», José von Sternberg.

Mas Marlene acaba de se instalar numa vila. E com esta é a 17.ª vez que muda de casa.

Sternberg, por seu turno, voltou a ocupar o seu «rancho», no vale de San Fernando. E segundo parece, teme algum ataque de «ganzacs», porque mandou pôr, nas janelas, vidros à prova de balas.

Então, Lilian ?!

Sim... ou não ?!

Lilian Harvey declarou que é provável que se case com Willy Fritsch, mas que não sabe ainda quando!

E explicou, alegremente, ao jornalista que a entrevistava:

— Tenho que filmar ainda três filmes, durante uma ano. E parece-me que o meu trabalho se não casa bem com o casamento... Vejam lá se admitem uma noiva sempre no estúdio?!

E concluiu:

— Estou convencida de que me hei-de

casar, um dia. E é quasi certo que seja com Willy. Mas só me caso, no dia em que possa abandonar a minha profissão. E talvez suceda isso, mais cedo do que espero. Quero ter um filho, antes de me fazer velha.

Comentário do jornalista que registou estas sensacionais declarações: «Vejam lá se conseguem perceber as mulheres»...

As danças de Loie Fuller

No «Gaumont-Palace» de Paris, exibiram-se, com estrondoso êxito, as célebres bailarinas de Loie Fuller, um dos mais caros números de «music-hall», na seu género.

Pela primeira vez, Terpsicorse chamou o cinema em seu auxílio. Porque as bailarinas em questão dançam, quasi nuas, por detrás dum «écran» de gaze, sobre o qual se projectam filmes especiais, que criam o ambiente para os diversos quadros que elas animam.

Assim, a «Tempestade», com música de Debussy, teve no cinema um precioso auxiliar. Um filme com cenas de tempestade, em terra e no mar, sobrepõe-se às figuras iluminadas, ora por luzes esverdeadas, amarelas ou violáceas.

E obteve-se, assim, um efeito surpreendente!

O novo filme de BOYER

Charles Boyer e Silvia Sidney vão aparecer, pela primeira vez, lado a lado, no filme «Saharás», que Anatol Litvak vai dirigir, para uma grande firma americana.

O novo filme de Grace Moore

Grace Moore, a célebre actriz-cantora, que vimos em «Uma Noite de Amor» e «Nas Asas da Canção», vai interpretar agora um novo filme inspirado na partitura de Fritz Kreisler, e que se intitula «Cecilia».

Michael Bartlett, o tenor que canta, com ela, o dueto da «Bohème» na película «Nas Asas da Canção», será o seu parceiro, no novo filme.

Antiguidades... novas...

A Metro adquiriu, em Itália, para «Romeu e Julieta», algumas dezenas de antiguidades.

Há quem pretenda que se trata, apenas, de cópias de quadros e estatuetas célebres.

Outra estatística

Em Inglaterra, acaba de ser elaborada uma nova estatística concernente à população e respectivas idas ao cinema.

Assim, entre 100 pessoas, 87,9 vão ao cinema, uma vez por semana; 27,6, duas vezes; 8,24, de longe em longe; 8,1, três vezes por semana; 8,14, uma vez, de quinze em quinze dias; 4,1, uma vez por mês; 1,5, todos os dias.

Os empregados do comércio dão o maior contingente de espectadores. Provou-se também que os ingleses dos 22 aos 45 anos são os que mais frequentam o cinema.

NOTÍCIAS DE TODA A PARTE...

OS FILMES DA SEMANA

Indicações para o exibidor para o público

Brigada Secreta — Um filme de espionagem, bem realizado por Pierre Billon, e com uma técnica que honra o cinema francês. A despeito de certas inverosimilhanças, a acção, movimentada e bem conduzida, prende fortemente a atenção do espectador. Jean Murat e Vera Korène, dois artistas com o seu nome feito, estão à altura da obra, e encarnam com brilhantismo os seus papéis. (Estreado no Tivoli. Distribuição da Sociedade Universal de Super-Filmes.)

A Flor dos Mercados — Um espectáculo engraçado, alegre e movimentado, talhado pelo figurino habitual destas comédias francesas. É claro há o caso de adullério, uma «garçonnière», «champagne» — e um desempenho de Paulette Dubost, que sabe ser graciosa com a mesma facilidade com que é bonita. (Estreado no Central Cinema. Distribuição de Raúl Lopes Freire, L.^{da}).

Quadrilha de Amor — Outra comédia francesa, de magnífico recorte, alegre, optimista, que se desenrola num ritmo agradável e seguro, animada, de ponta a ponta, por Irene Zilahy, a rival de Francisca Gaal, e como ela dinâmica e bonita. A história conta-nos as aventuras dum jovem provinciano apaixonado, que se envolve nas mais cómicas aventuras com Pierre Brasseur, outro artista de inesgotável veia cómica. A realiação deste filme é de Richard Eichberg. (Estreado no Condes. Distribuição de Filmes Castelo Lopes, L.^{da}).

O Filho Pródigo — Um filme de arte, uma obra de inegável classe, interpretada e realizada por Louis Frenker, que se especializou na realiação de filmes desenrolados no magnífico Tirol. Desta vez ainda, são as gigantescas montanhas nevadas dessa região de sonho que servem de quadro à acção, em contraste com a Nova-York gritante, ciclópica, onde impera a miséria e o crime, sob a capa duma civilização esmagadora. **O Filho Pródigo** é um filme de classe que merece ser visto. (Estreado no Palácio e Odéon. Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal).

A Boémia — A evocação dos amores de Mimi e Rudolfo, os heróis da célebre obra de Murger. Um filme desempenhado a contento por Douglas Fairbanks Júnior e Gertrude Lawrence, e que, a despeito de certas lentidões, agradará aos que apreciam o romantismo doutros tempos, e lhe perdoam o que hoje não tem de admissível. (Estreado no Politeama. Distribuição de Filmes Luiz Machado).

[José Calleia e Jean Harlow

José Calleia, o inesquecível «Sonny» do *Herói Público* n.º 1, vai aparecer, ao lado de Jean Harlow, em *Riffraff*, o novo filme da «Tentação loira».

Uma revista musical por miudos

Nos estúdios da Hal Roach iniciaram-se as filmagens de *Our Gang Follies of 1936*, ou seja uma «feérie» musical em miniatura e interpretada, apenas, por crianças.

Os principais papéis são desempenhados pelos garçons da Pandilha.

A censura espanhola em acção

A censura espanhola proibiu em todo o território, a exhibição de actualidades referentes ao conflito italo-etíope.

«A noiva de Frankenstein»

O filme de terror *A noiva de Frankenstein* foi interdito na ilha de Nova-Jersey.

São muito nervosos, os ilhéus...



Um pintor japonês esteve em Hollywood para retratar as principais figuras da Cinelândia. Eis alguns dos quadros que pintou, durante a sua estadia na Fox. Reconhecem-se, entre outros: Shirley, Henry Garat, Claire Trevor, Lew Ayres, José Mojico, etc.

O cinema em relevo é um facto

Luis Lumière, que foi há pouco homenageado na Sorbonne de Paris, continua infatigavelmente a trabalhar para o Cinema.

Segundo declarou ultimamente, dedica-se agora à «mise-au-point» do filme estereoscópico, e espera, antes do fim do ano, apresentar duas produções, com resultados positivos — e definitivos.

A reedição de «As duas garotas de Paris»

Lembram-se de *As Duas Garotas de Paris*, que vimos no mudo e que o *Diário de Notícias* publicou em folhetins?

Pois vai ser novamente adaptado à tela, por René Hervil, ignorando-se ainda o nome dos artistas, que vão encarnar os dois principais papéis: «Ginette» e «Gaby».

Os resultados dum concurso

Um vasto «referendum» organizado, ultimamente, em Inglaterra, para se saber quais eram os escritores nacionais que deveriam escrever argumentos para filmes, confirmou, com uma maioria esmagadora, 8.253 votos, em 10.000, o nome prestigioso de H. G. Wells, que sempre se apresentou como favorito.

Em seguida, por sua ordem, classificaram-se: Noel Coward, Somerset Maugham, Rudyard Kipling, Bernard Shaw, Edgard Wallace e Conan Doyle.

Wells escreveu os argumentos dos dois filmes em realiação nos estúdios londrinos: *O Homem que fazia Milagres* e *A Vida Futura*.

O «Grand Prix» do cinema francês

Antes do fim do ano, o júri do Concurso do Grande Prémio do Cinema Francês, organizado sob os auspícios da Sociedade de Incitamento da Arte e da Indústria, e de colaboração com a «Câmara Sindical de Cinematografias», designará o título do filme que merecerá o Grande Prémio do Cinema Francês.

São cinco os filmes que disputam o troféu: *Crime et Chatiment*, de Pierre Chenal; *Deuxième Bureau*, de Pierre Billon; *Veille d'Armes*, de Marcel L'Herbier; *La Kermesse Heroïque*, de Jacques Feyder; e *La Bandera*, de Julien Duvivier.

A casa de Joan Crawford

Logo que se divorciou de Douglas J.^o, Joan Crawford comprou uma casa, enorme. «à antiga», e que pertencera a uma velha família inglesa.

A quinta depressa se transformou numa fazenda, à maneira de Hollywood... E perdeu parte do seu encanto.

Joan, entretanto, não se dava por satisfeita, e transformou a nobre mansão, num bazar sirtano, e, mais tarde, numa mesquita árabe.

Depois do seu casamento com Franchot Tone, resolveu integrá-la no estilo dos pagodes chineses. E, nesse sentido, está sendo actualmente transformada.

Joan tem medo de se dar por satisfeita e de se fixar num estilo, pois sempre ouviu dizer: «ninho feito, péga morta!»

Ela, então, que é terivelmente supersticiosa!

Meg Lemmonier, casou

Meg Lemmonier, a deliciosa intérprete de tantos filmes que temos visto, casou-se, há dias, com Maurice Goddet, administrador do jornal desportivo «L'Auto».

Shirley está a ganhar uma fortuna...

Shirley Temple, renovou o seu contrato com a 20th Century-Fox. Durante dois anos, a graciosa estrelinha receberá 4.000 dólares por semana, ou sejam cerca de 100 contos, além da participação nos lucros dos seus filmes.

Já pode comprar uma boneca...

Quanto ganha um Bébé

Os ordenados são inversamente proporcionais às idades.

Com efeito, uma criança de seis a oito anos ganha, em Hollywood, cerca de dez dólares, por cada duas horas de trabalho. Mas um bebé ganha a bagatela de 150 dólares... por minuto.

Devemos acrescentar, porém, que os regulamentos internos são severíssimos, e proibem que um bebé filme, durante mais de 30 segundos por dia.

Em todo o caso, temos que concordar que 75 dólares por um dia de 30 segundos de trabalho, não é nada mau.

Si não é vero...



Victor Mac Laglen, e a sua máscara poderosa, no *Denunciante*

UM FILME SUBLIME!



LISBOA vai ver finalmente — graças à iniciativa da Aliança-Filmes, que o trouxe para Portugal, e do «São Luiz», que o contratou — um dos mais célebres filmes da temporada! Nunca como agora, a frase teve tão justa significação, porque *Quatro Irmãs* (*Little Women*) é, não só um dos «clous» da época, como um dos filmes mais notáveis que o cinema nos tem dado, desde o advento do sonoro.

Todo o mundo aplaudiu esta obra-prima de encanto e de ternura. Os críticos, unanimemente, consagraram-no como um autêntico espectáculo de excepção. E as revisões da especialidade, nos inquéritos abertos entre os seus leitores, tiveram a alegria de o ver colocado em primeiro lugar, resultado esse que demonstra o grau de cultura cinematográfica atingido por aqueles que concorreram ao «referendum», por elas organizado.

Quatro Irmãs é uma obra de génio, e tanto mais notável, quanto é certo, que todo o filme alardeia uma simplicidade de processos e de efeitos, que é o seu maior elogio. A alma de quatro raparigas, bondosas e puras, é definida claramente em imagens que não esquecem, porque estão impregnadas daquilo que as distingue em toda a parte: Arte, Beleza, Poesia, Vida!

A história

Quatro Irmãs é a versão cinematográfica dum dos mais célebres romances americanos: *Little Women*, de Luisa May Alcott. Traduzido em todas as línguas, com milhões e milhões de exemplares dispersos em todo o globo, acha-se também adaptado ao português numa versão felicíssima de Maria Paula de Azevedo, que se desdobra em dois volumes: *As Quatro Raparigas e Alguns anos depois*.

A história é duma simplicidade tocante. É a vida de quatro raparigas dentro do seu lar. Todas iguais, na pureza das intenções. Todas diferentes, na sua maneira de ser e na forma de enearar a vida.

São felizes. Têm ambições como toda a gente. Mas sabem-nas colocar no plano que lhes compete e vivem felizes com aquilo que têm: o seu lar; a mãe, bondosa e risonha, que veneram; e a amizade duns bons vizinhos.

Um dia de sol é para elas uma alegria. Mas os dias de chuva não são tristes — têm também seu encanto... É assim que vêm a Vida. Tiram partido de tudo. Se é preciso uma sacrificar-se pelo bem das outras, fazem-no, naturalmente, sem se lamentar, sem dramatizar o facto.

A realização

Pertence a George Cukor a realização deste filme. É simplesmente magistral, sublime até! Duma história docemente romântica, que tinha, a cada momento, o perigo de resvalar para a pieguice, Cukor fez uma obra de génio, que encanta e nos domina! É uma maravilha, a transposição cinematográfica dum romance célebre. A América definiu *Quatro Irmãs*, como o filme que a nação aguardava, havia 65 anos!

Toda a graça, singeleza, ternura das quatro raparigas é dada por mão de mestre. Com duas pinceladas, define-as.

Jo é impulsiva e arrapazada; Meg, doce e fêmeil; Amy, ambiciosa e «coquet». Beth, angélica e encantadora.

Depois, a reconstituição do ambiente, em pleno período romântico, é uma maravilha! Que riqueza de pormenores! Que «sombro» de encenação.

Um jornalista francês encarregou-se, porém, de fazer o grande elogio do realizador, quando disse:

«Nenhum outro cineasta conseguiria, com mais brilhantismo, adaptar à tela este romance famosos».

Os interpretes

Foram escolhidos por mão de mestre os intérpretes deste filme, quasi exclusivamente desempenhado por mulheres! Katharine Hepburn, a mais genial das vedetas da actualidade, da envergadura duma Duse ou duma Sarah Bernhardt — é a vedeta do filme, essa Jo sublime, de coração generoso, arrapazada de feito, e que vive a sua vida com uma independência tão grande, que se julga capaz de viver sempre só, e que, mais tarde, reconhece que o afecto duma pessoa é o único esteio na adversidade, nos dias tristes que a existência nos reserva. Joan Bennett é a Amy, pretenciosa, na sua adolescência, deliciosamente feminina, quando mulher. Franca Dee é a doce Meg, a mais velha do rancho, ajuizada, uma mulherzinha, em toda a aceção da palavra. Finalmente Jean Parker é a cândida Beth, modelo de virtudes, serena, amiga da sua casa, onde gosta de estar, muito quieta, muito longe do mundo exterior.

Outras figuras gravitam em redor destas quatro personagens. Mas têm uma importância secundária no filme, o que não quer dizer que não marquem pela perfeição do seu desempenho.

As credenciais

Little Women é célebre em todo o mundo. Ganhou o prémio máximo, atribuído pela Academia de Artes e Ciências de Hollywood.

Foi considerado a mais perfeita de todas as produções apresentadas, então. Os leitores de *Pour Vous*, *Film Daily*, *Photoplay*, etc., votaram em massa nesse filme, quando dos referenduns organizados por aquelas publicações.

Katharine Hepburn foi designada, pela Academia de Artes e Ciências de Hollywood, como a maior vedeta do cinema. E o «Edouard VII» de Paris, durante 30 semanas ininterruptas, exibiu esta obra-prima, que é a glória do cinema.

Uma produção R. K. O. — Radio

Quatro Irmãs, como grande filme que é, é uma produção «R. K. O. Rádios», distribuído em Portugal pela Aliança-Filmes, L.da, com sede no Pôrlo.

Exibe-se a partir do dia 17 no «São Luiz», o melhor cinema de Lisboa, e, indiscutivelmente, o que detém os «clous» da temporada!

Estamos certos de que o público fará justiça a esta obra de génio!

AS QUATRO IRMÃS

FINALMENTE!

CHAPLIN concluiu, finalmente. *Tempos Modernos*, o primeiro dos seus filmes que vamos ver, depois de *Luze da Cidade*. Neste meio tempo, realizou mais dois, que, por motivos vários, não quis exibir, e que, certamente, nunca mais veremos.

O filme que empreendeu, depois dessas duas tentativas infelizes, foi levado ao fim, não sem que numerosas dificuldades se levantassem, durante as filmagens.

Durante muito tempo, não teve título. Chamou-lhe, então, *Produção n.º 5*, pois de facto, era a quinta que tentava, desde que começara a ser realizador-produzidor dos seus próprios filmes. Lembram-se das outras: *O Garoto de Charlot*, *A Quimera de ouro*, *O Circo* e *Luze da Cidade*. O filme foi baptizado, agora, com o nome de *Tempos Modernos*. Será definitivo? Não se sabe. É bom não esquecer de que se trata dum filme de Charlot.

* * *

O que é *Tempos Modernos*? Uma farsa? Uma sátira? Um poema? Uma história? Como os outros filmes de Chaplin, tem um pouco de todos esses géneros. Ora nos comove, ora nos faz rir...

Chaplin é um individualista absoluto. Individualista, como René Clair. Mas mais poeta, menos filósofo. O mundo de hoje, na sua expressão rigorosa de «standartização», revolta Clair, como revolta Chaplin. O primeiro, defende a sua tese com lógica. O segundo, prefere defendê-la com o exemplo dum bom, dum sonhador, e a sua odisséia através dos tempos.

* * *

A história do filme? Ei-la, despida dos seus «gags», dos seus simbolismos profundos e saborosos:

Numa fábrica gigantesca, o director é uma espécie de semi-deus. Dirige um mundo de trabalhadores, como se fossem presidiários-modélos. O capitalismo é, desta maneira, acerbamente criticado. Mas Chaplin não cai no outro extremo, como nos prova no decurso do seu filme.

Nesta fábrica, o director não precisa de sair do seu gabinete para ver e ouvir tudo o que se passa. Um sistema aperfeiçoadíssimo de «écrans» e de alto-falantes, realizam o milagre.

Charlot é um dos operários. Todas as manhãs, no seu lugar, faz exactamente a mesma coisa, com o auxílio da mesma máquina: colocar avelãs no local determinado dum máquina gigantesca que serve para descascar a mesma avelã...

Um dia, não podendo mais, abandona o trabalho, durante um minuto. É o suficiente para o trabalho da fábrica inteira se suspender. Alucinado, parece-lhe ver avelãs em toda a parte. Com uma pinça, agarra o nariz do contra-mestre, e os botões da blusa dum operária, julgando serem avelãs. Aquela, apavorada, foge. Ele persegue-a.

A desordem entrou na fábrica. Adeus, gestos de autómatos. Tudo se desorganiza. De repente, uma voz, amplificada por cem alto-falantes, ressoa nos claustros, como a voz dum criador moderno, assustado com o perigo que a obra corre! É o director, cuja face indignada, aparece no «écran», e que manda todos para os seus lugares.

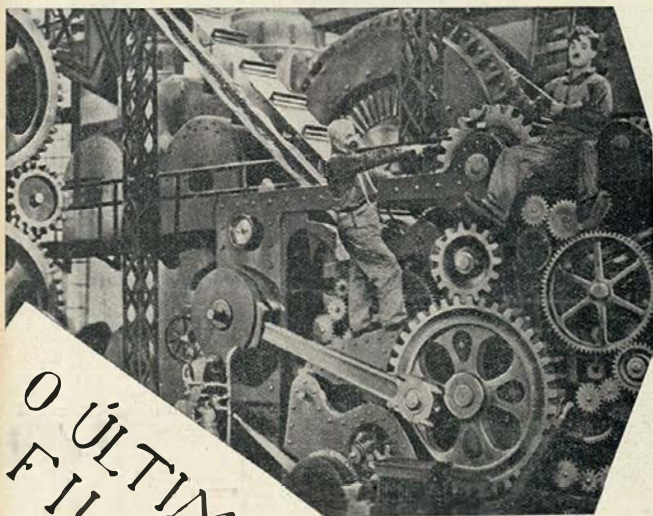
Dai a dias, o director, talvez para se vingar, escolhe Charlot para experimentar o seu novo invento: a máquina de alimentar. Esta nova maravilha, permitirá realizar uma considerável economia de tempo, alimentando automaticamente todos os operários.

A máquina, uma espécie dum autómato feroz, agarra-o brutalmente e pretende meter-lhe, pela boca abaixo, uma sopa a escaldar... (Um martírio! A máquina, à segunda



O ARGUMENTO DE

TEMPOS MODERNOS



O ÚLTIMO FILME DE

CHARLOT

vez, engana-se, e atira-lhe a sopa por dentro do colarinho. Charlot grita como um possesso.

Mas este invento é pósto de parte. É caro e estraga muita comida.

Charlot retoma o seu pósto. Aş máquinas, para recuperar o tempo perdido, aceleram a velocidade. A alucinação persegue-o: vê avelãs por toda a parte...

Após várias peripécias, foge. Salta para um camion, que abandona logo a seguir. Mas ao fazê-lo, agarra-se a uma bandeira vermelha, que marca os extremos da «carrosserie».

A polícia dispersa, nessa altura, cerca dali, uma manifestação de grevistas. Charlot, sem saber como, aparece no meio deles, agitando a bandeira vermelha. Declaram-no chefe, e é preso, como comunista.

Na prisão, acha-se bem. Prefere-a, à fábrica. O seu companheiro é um «profissional»,

e dedica-se ao contrabando de cocaína. Tem uma boa porção dela no saleiro, de que Charlot se serve...

Há uma revolta. Charlot ajuda corajosamente os guardas. Mandam-no em paz...

Sem emprégo, cheio de fome, faz vários roubos. É preso, várias vezes. E encontra, então, Paulette Godard, órfã, uma rapariguita que roubou bananas, para uma malta de garotos tão esfomeados como ela.

Don Quixote, Charlot, tenta protegê-la. A polícia prende os dois. Conseguem evadir-se.

O que lhes sucede, depois? É claro, aparece um tipo que roubará o coração da rapariga, que Charlie ama. E este não terá mais remédio do que calcar os seus sentimentos e partir, sem destino, com a desenvoltura característica da sua bengalinha pretenciosa...

Crónica da Semana

A primeira cena de «Folies Bergères» — Chevalier a cantar num palco de teatro a «Valentine» — fez-nos voltar uns poucos de anos atrás.

Nesse mesmo S. Luiz, há pouco, onde correu o filme, e que as pessoas caturras de então chamavam «D. Amélia», apresentou-se Chevalier, uma noite, ao público de Lisboa.

A sua fama de «chansonnier» chegara já até nós. O facto de cantar no Casino, ao lado de Mistinguette, era uma credencial respeitável para o «snobismo» nacional. Mas havia quem duvidasse que um homem sózinho, no palco, de «smoking» e chapéu de palha, por mais espirituoso que fosse, conseguisse preencher um espectáculo inteiro.

Mas logo a «Valentine» a todos dispusera bem. E, daí por diante, Chevalier deu ao chapéu tais gestos, foi tão gracioso e trepidante que — coisa rara... — os homens concordaram com as mulheres em que ele, realmente, era simpático, divertia, espalhava optimismo, e as senhoras de idade desculpavam-lhe, de bom grado, as grossas inconveniências que, traduzidas para francês de calão, e defendidas por um amável duplo sentido, tomavam um ar quasi iugênuo, ligeiramente malicioso...

E foi um delírio. Os editores de música para piano fizeram um dinheirão; toda a gente assobiava o «Quant on est deux» e cantava «Les ananias» e, já se vê, apareceram logo uns meninos de chapéu de palha posto à banda, a bambolear os braços e a dar razão ao Darwin.

Depois disso, Chevalier cresceu em celebridade e em valor artístico, coincidência esta que nem sempre se dá.

* * *

Um belo dia, Chevalier deixou de ser pagem da Mistinguette; o cinema armou-o cavaleiro. De «chansonnier» passou a actor.

A partida dele, para a América, despertou ciúmes; o título que lhe deram de embaixador do espirito francês, levantou celeuma. Exagerava-se, de certo, mas os críticos não ficavam atrás e esforçavam-se por demonstrar que um cançonetista nunca poderia ser um bom actor.

Ora, se bem que alguns nomes ilustres do cinema tenham vindo do teatro, o certo é que muitos outros não passaram por escolas de declamação e se tiveram professores foram... de ensino particular.

Silvia Sidney, um exemplo entre tantos, estreou-se nas «Ruas da Cidade», ao mesmo tempo que Mamoulian, e a sua interpretação ficou inesquecível. Há até quem defenda que, sendo a naturalidade o grau mais adiantado da perfeição, o artista só ganha em deixar expandir livremente a sua personalidade, sem qualquer obediência a hábitos estabelecidos ou costumes consagrados, sem representar, numa palavra, à maneira de F... ou de S..., mas à sua própria maneira.

Ora se é de admitir a improvisação de um actor, porque é que um cançonetista não se poderia transformar em actor também?

* * *

A trajetória da vida de um artista nunca é uma circunferência. Não tinham

razão aqueles que acusavam Chevalier de ingrato, simplesmente porque ele abandonava as revistas de Paris, como também não eram perspicazes os que supunham que alguma deficiência congénita o impossibilitava de vir a ser um bom actor.

Ai tivemos «Folies Bergère» a testemunhar exuberantemente o contrário.

Com efeito, pode-se classificar de brilhante a maneira como Chevalier desempenha três papéis diferentes, dois dos quais só se distinguem por uma actuação muito inteligente e acertada.

Enfim, vence e convence os mais cépticos.

A seu lado, tivemos o prazer de ver Nathalie Paley que, sem ser uma beleza clássica, nem sequer correcta, nem por isso deixa de ser menos interessante e curiosa. O Barão de Cassini que, segundo a rubrica do filme, tinha uma mulher em cada capital da Europa, não deixou o crédito de Paris por mãos alheias...

* * *

Embora saia fora do assunto desta crónica, ficaria mal comigo mesmo se não fizesse uma referência, ainda que pequena, a essa prodigiosa obra prima de Walter Disney que se chama «Os coelhos mágicos».

ANTONIO DE CARVALHO NUNES



Annabela, na nova versão de «Variedades».

Carta do Porto

As sessões da moda

Muitas pessoas, de opinião aliás respeitável, iconoclasticamente, não concordam com a organização das «Sessões da moda», e todos os pretextos servem para menosprezar um hábito que a ninguém prejudica, e para alguns traz benefícios.

Se defendo os espectáculos dedicados à Sociedade Elegante, não é porque os frequente — e para isso basta a minha deslealdade — mas, entendo que a liberdade dos outros frequentarem as sessões que muito bem entendem, principia onde termina o nosso direito de crítico.

Se o cinema faz parte integrante dos hábitos e das necessidades de toda a gente moderna, ou de espirito moderno, qualquer que seja a sua posição social, os seus princípios de cultura ou modo de vida, porque razão não havemos de reconhecer o direito, e até a necessidade, de os cinefilos se organizarem ou as empresas organizarem certos espectáculos para determinados cinefilos?

Quantas vezes, no cinema, ao nosso lado, se senta rubricando indivíduo, que passa a sessão a atirar tolices para os nossos ouvidos, numa impunidade que enerva?

Não gostaríamos nós que, se possível fosse, as empresas cinematográficas organizassem os espectáculos para pessoas, pelo menos, inteligentes? Não nos sentiríamos mais à vontade no meio duma plateia culta?

Ora, desde que as nossas aspirações não têm possibilidade de se tornar um facto, e se há pessoas que, pela sua categoria, dão preferência aos espectáculos dedicados à gente da sua igualha, não devemos reconhecer o seu bem-estar, embora à sua maneira e semelhança?

Sendo assim, lamentamos apenas que em vez de uma vez por semana, como se verifica aqui, as empresas não possam organizar duas vezes as suas «Sessões da moda», e com as lotações esgotadas. Toda a gente lucrava com isso, e até mesmo os discordantes, que teriam duplo motivo para cerrar a sua falsa irreverência.

Os críticos dos corredores

Desconheço se em Lisboa, em Paris, em Nova York ou em Xangai, se dá a mesma coisa, mas, sei que existem no Porto com curiosas características, com a sua psicologia especial, com uma intuição prodigiosa e um poder analítico de incomparável elasticidade — os críticos dos corredores.

Nos espectáculos cinematográficos, durante os intervalos, os espectadores enchem os corredores dos cinemas para fumarem um cigarro, emborcarem um mau café, discutirem vidas, negócios e acontecimentos e... criticarem os filmes apresentados ou em exhibição.

Daria um incomensurável tratado de psicologia o arquivo e análise dessas opiniões heterogêneas, antagónicas, mas, sempre curiosíssimas.

Aparecem técnicos para estudar e apreciar os variegados detalhes do filme e, o que é mais importante, não só tornam públicas as suas preleções, mas, falam de cátedra.

Como a vida é cheia de surpresas, das mais extraordinárias surpresas, acontece que, muitas vezes, se forma, nos corredores dos cinemas, uma corrente de opinião que, errada, incompreensível, despropositada, é a que, ao fim e ao cabo, praticamente, prevalece.

CARLOS MOREIRA



UMA amiga, certo dia, disse-me:
— Em que te ocupas neste momento?
Respondi:
— Ocupo-me com um pequeno espelho de mão, com muitas faces.
Olhou-me, e sorriu:
— Falto-te do novo filme?!
— E eu da minha nova invenção. A meu vêr, é muito mais importante. Dedico muitos cuidados à minha beleza, pois sei quão importante é para a mulher a «maquillage» e a «toilette».
«Não me refiro à «maquillage» do estúdio. Essa não me interessa, porque a entrego a um especialista no assunto, que lhe conhece todos os efeitos que produz na película impressionada.
«A que me interessa é a beleza que apresento na vida quotidiana. Para essa «maquillage», é necessário primeiramente insta-

larmo-nos com comodidade. Todas as vezes que procuro casa, dedico uma especial atenção à maneira de mobilar o quarto de banho, e à compra de objectos para a mesa de «toilette». Invento vários truques de forma a ter à mão todos os produtos de beleza que me faltam, e arranjo também uma série de espelhos para me poder vêr, com facilidade, de frente, de perfil e de costas, ao mesmo tempo.

«Para tal conseguir tive que aplicar imenso talento — um talento desconhecido.

Um elemento primordial: a frescura dos produtos empregados

Instalei perto do meu «toilette» um pequeno frigorífico. Coloco ali os cremes e as loções. É necessário que todos estes produtos se conservem permanentemente frescos. O gelo é adstringente e os cremes também. Se os empregarmos gelados obtêm-se resultados

duplos. Para mais, os cremes e as pinturas gordurosas assim conservadas, não rançam. Como nem todos podem possuir frigoríficos, aconselho, pelo menos, que guardem os produtos de beleza em sítios muito frescos.

Só o creme de tirar a «maquillage» é que se não deve conservar nestas condições, pois o seu fim não é apertar os poros, mas sim abri-los e limpá-los bem. Há toda a vantagem em empregá-lo um pouco tépido, e para isso basta amolecê-lo na palma das mãos, antes de se aplicar, pois adquire facilmente a temperatura do corpo.

No frigorífico coloco também dois copos grandes, com sumo de laranja. Bebo um antes de me deitar, e o outro quando me levanto.

Conselhos

Todas as mulheres que não cuidam da sua beleza, desculpem-se, alegando que não têm tempo. Trabalho, sem dúvida, tanto como uma dactilógrafa ou como qualquer outra empregada de grandes armazéns, e sobeja-me tempo para cuidar do rosto, que é o meu principal instrumento de trabalho.

Tenho sempre tempo de fazer a minha «toilette» de manhã e de tarde; nisto demoro, em cada uma das vezes, um quarto de hora a meia hora.

É necessário utilizar muito bem o tempo, para obter o melhor resultado possível. Se tiverem uma banheira, e se forem das que praticam diariamente ginástica, dêem uma ligeira massagem com qualquer creme oleoso. Deve-se insistir nas partes rugosas: cotovelos, joelhos, barriga das pernas... Depois, mergulhem-se no banho aromatizado, não muito quente. Durante o tempo que ali se demorarem coloquem e conservem no rosto uma espessa camada de creme gorduroso (e existem excelentes cremes vegetais para este efeito). O vapor tépido do banho, abre os poros, fazendo com que o creme penetre profundamente. Em saindo do banho, devem secar-se perfeitamente, e polvilhar o corpo com bastante talco.

Tirem o creme do rosto por meio duma lavagem com água tépida e sabonete, e depois friccionem-se com «água de beleza», creme de dia e uma camada de pó de arroz. Em seguida, podem vestir-se, e quando tudo estiver pronto, uma nova camada de pó de arroz completa a «maquillage».

Não se perdeu muito tempo, e assim evitam-se os rostos gordurentos que certas raparigas apresentam.

Não têm banheira? O processo não é

alterado. Façam a máscara de creme antes de começar a lavagem. Perde-se, unicamente, o benefício da lentidão do banho e o seu poder aromático, mas pode substituir-se por uma lavagem de água um pouco quente antes de colocar a máscara de creme, e uma boa fricção depois da «toilette».

Apresentarmo-nos belas!

Depois dum dia de trabalho, sinto, por vezes, necessidade de me distrair à noite. Convosco deve suceder o mesmo, pois o trabalho num escritório, numa loja ou mesmo em casa, com a seqüência, monotoniza-se. Para vós, para mim, impõe-se um desejo: apresentarmo-nos belas!

Quando se recebe a luz dos «sunlights» em chelo, no rosto, ou quando se trabalha unicamente com intensos projectores eléctricos, os olhos inflamam-se e ficam avermelhados, de fadiga.

Para evitar isto, é necessário cuidar dos olhos com regularidade. Basta acordarmos dez minutos mais cedo do que o costume. Vamos buscar uma taça com água quente. Deitamo-nos de novo, e, com algodão em rama, embebido nessa água, fazemos pequenas aplicações sobre os olhos durante os cinco minutos que ainda restam. É simultaneamente agradável e benéfico.

Nas noites em que nos deitamos tarde, devemos fazer uma lavagem com qualquer água medicinal, receita pelo médico; procedendo assim, os olhos não se tornam encarniçados.

Principalmente, o que nunca devemos é deitarmo-nos sem lavar os olhos com cuidado, pois os cosméticos das pestanas irritam sempre o bordo das pálpebras, e provocam, com frequência, inflamações, e até mesmo supurações.

Chamo a vossa atenção para as massagens e exercícios físicos que conservam o corpo esbelto, através dos anos.

Eis todos os meus segredos. Podeis tirar deles o melhor partido que souberdes!

SER

BONITAS

POR *Fay Wray*.



A Carreira Romântica

DURANTE muito tempo, quasi todos os dias, as cartas que os cinefílos dirigiam às revistas cinematográficas tratam a pergunta da seguinte natureza: «Quem é o próximo Estrelo-Briente? É a linda Myrna Loy, que viu há dias, em «E qual Ham-se titulos de filmes como: A Caçada de Derrota, A Grande Ilusão, e regressa de Fu Manchu, etc. etc.»

Não se é certo que Myrna Loy se espectralizava em Papá e criolão com mais de dezessete versões, embora fosse o seu admirador, calmo das mulheres, só saber que ela era com Jar cento americana, pois nascera em Helena, Missisippi a casa onde vive a seu pai, que logo fez o conhecimento e que se chama Gary Cooper.

Coincidências...

Nessa altura, não se chamava Loy, mas Willson. Sua mãe, Mrs. Williams, gostava de se dar nome Mrs. Cooper. Enfeitavam-se bem e as suas grandes propriedades eram, respectivamente, Myrna e Gary. Mas sóbiam elas, não, mais tarde, se haviam de encontrar novamente, bem longe dali, tudo o mais, e que, como então, os seus filhos seriam a melhor do seu orgulho, formadas duas das mais célebres vedetas de Hollywood.

A infância do cine...

Myrna tinha sete anos quando seu pai morreu. Abandonaram, então, Helena e foram-se instalar em Santa Mi-



nica, a duas partes de Hollywood. O facto havia de influir mais tarde na serie da carreira de Myrna.

Esta lá a escola, como todos a gente que se presta, mas frequentava a escolinha, e escholinha, em uma turma de dança.

Uma mãe sempreva a com Era alta, muericita, sempre com o cabelo arranjado revêdo. Os olhos tomavam amarelo a comente, teve o que ela dava uma serie das ditas. Tinha vertebrelidos no face, olhos verdes, e era arrastada, capaz de levar a palma ao mais pinêdo.

Um dia a garota declarou que queria ir para o cinema. Foi uma garotinha de geral, com laço e enredo, era não tinha grande fe em si própria, e contentava-se lá com, sem uma kastrina rosada. Pensa que, um belo dia, poderia tornar-se professora e abrir um escolação, ajeitada a mesma a sua e a sua traidora era tão nobre. De resto, tornava-se intercedida e que ela e a mãe tinham um certo conhecimento de teatro, não se dá o tão cheia de tentações.

Sua mãe não foi a para contrariar o pequeno da pequena. Obedecendo com alta a mãe, de qualquer que a fosse amada, e delicado em al do rosto; os olhos verdes, em amplexo a boca com labios bem delineados; um narizinho corugado. E pensava então que era



de Myrna Loy

caso os risos, feis e delicadas nos primeiros tempos — elegantes e formosas, logo logo a infância. O futuro não é o por lhe dar razão.

Uma descoberta de Valentino

Myrna tinha apenas dezesseis anos, quando foi contratada para dançar, com algumas colegas do curso, no príngio de uma peça que a Egyptian Theatre levava a cena. A sua fotografia, com a de outras bailarinas, foi afixada no chafiz! Um dia um rapaz encorajado, com os olhos muito negros, olhos a intercedendo: era Rudolph Valentino.

Pedia a rapariga que fosse ao estádio. Filmaron umas cenas. Mas coincidentemente nova de mais para um parterro. E foram, par derpito... Entretanto, Natcha Rudolph, que realizava nessa data um filme, contratou Myrna para um pequeno papel. E What Price é sempre marca no teatro de Miss Williams, que desde então se passou a chamar Myrna Loy.

A perseguição do exótico

Um dos primeiros papéis que interpretou foi o de uma das numerosas



apasionadas de D. Juan, o filme de Barrymore. Outros filmes foram até «She Mears Suits, onde tinha um papel de maior relevância, e que descomulgava a piar póstulo.

o primeiro fêdo tem com si Gaudin da Doria. Encarava aí a florinha da mesma Anri, a holandesa. Embolhe mesmo a encerrare no profundeza. Para a darem stmelhanic hápi. Era difícil, dramático e tentava a sua incapacitarria.

Anri, porém, agradeço a toda a gente. E Hollywood, é claro, como de costume, passou a gozar nas reneticores. Myrna aparece nesta serie de filmes exóticos, das quais tanto o cinema de Squall, recatadamente de serenas, abate e benéfico do estivo.

Apareceu sob os traços de uma linda, em The Black Watch, em The Tazew Moon, foi mexicana. Depois, chinesa, japonês, turco, libano, em variados filmes de segunda ordem.

A natureza de-lhe, de facto, um corpo exótico, olhos risonhos e alongados, uma boca arredol e protuberadora. Mas, antes de tudo, uma bela e sabrosa americana, que, ser, no cinema, não ganha phase, não se pode proibir, dada ao queri — Lá com era no vito.

E passou a fazer um ciclo de morte nos seus filmes exóticos.

Myrna protesta...

A força de tanto protestar, que não era a melhor maneira que a quisera. Mas acabou de mais a piar. Deram-lhe então, papéis de «vamp». E passou a desfilar assim o vovozão, em série, como uma fábrica americana. Em Fretos mo-

(Conclui na página 15)

o trágico fim



June Lang a célebre estrelinha da Fox foi também uma das candidatas à rocha dos suicidas. Foi salva «in-extremis», quando se preparava para acabar com a vida. Desta vez, parece, eram penas de amor...

A trágica morte daquela atriz japonesa, que se suicidou, conhecida — ela que era uma das mais notáveis vedetas do seu país — de que não tinha talento, para se impor na tela, evoca-nos alguns dos dramas ignorados, desenrolados à sombra dos triunfos e das magnificências do Reino da Tela.

As causas dominantes

O Cinema é a mais absorvente das Artes. Aqueles que o servem, exige, de instante a instante, um novo esforço. Faz tábuas razeo do tempo, da tranquilidade, da saúde e da resistência física. Para ele, não contam as desilusões amargas, as esperanças desfeitas, as decepções, as invejas e rancores. Obriga todos a uma atenção constante, a uma paciência e perseverança sem limites.

As mulheres sofrem muito. Além de tudo, têm a ambição, obsecante, de triunfar, de serem a vedeta, a estrela, aquela cujos caprichos são leis, e cuja face arrasta multidões. Querem, à viva força, ver os seus fatos, os seus penteados, e até os seus defeitos — copiados pelas outras. Depois, a inveja, tão feminina, roí-as até à medula. E a atmosfera excitante dos estúdios, a fadiga, os ditos, as decepções, quando não é a miséria — fazem-nas sofrer, de grande.

O tempo passa. As forças abandonam-nas... E chega uma noite em que se sentem impotentes. Não querem abandonar o sonho, que as embalou e tentou carrear noutro parte. Renunciam. Ou tudo — ou nada! E buscam na Morte, o esquecimento, a tranquilidade e o repouso.

São frequentes os casos. Depois do brutal desaparecimento de Pierre Batteff, registamos a morte da linda Marcelle Romée, da graciosa Pauline Duvernet, da encantadora Francine Mussey. Isto para não evocar casos remotos, como o de Max Linder, Claude

France e tantos outros. Mais dos nossos dias, a trágica morte de Edith Mera e o suicídio dessa jovem artista americana, que se atirou do alto dum arranha-céus, para a lageada Broadway.

Se quisermos elaborar uma estatística, verificamos que Hollywood figura à cabeça desta lista negra. E não admira.

Hollywood, a despeito do que se diz, está longe de ser um paraíso terrestre. É uma cidade onde se trabalha muito, mas é uma terra minada de ambições;

de misérrimas, disfarçadas sob uma aparência de luxo e alegria fáceis; é uma cidade esasmódica, abalada por emoções fortíssimas: desesperos, temores, angústias e invejas. É, em suma, a antecâmara do Inferno.

Em Hollywood, mais do que noutro lugar qualquer, reina esta loucura pálida e sinistra: o demónio do suicídio, e sua voz perturba tantas raparigas e rapazes de talento, que, tornadas prêsas duma única ambição, não tentam sequer reagir — quando os seus olhos morticócos descobrem, inesperadamente, que tudo se acabou, que é chegado o fim.

À noite, quando Hollywood adormece, no meio das suas palmeiras gigantes, embalada pelo doce marulhar do Pacífico, ninguém seria capaz de adivinhar os dramas que se desenrolam nos «bungalows» elegantes, ou nos últimos andares dos arranha-céus.

E, no entanto, pela manhã, no dia seguinte, verificam-se os mais estranhos acontecimentos, como por exemplo o do suicídio de Paul Bern, um dos «big-men» da indústria cinematográfica americana, e que havia casado com Jean Harlow, um mês antes.

O drama Harlow-Bern

Foi um escândalo tremendo. Paul era queridíssimo. Triunfou por si. Nada faria crer num acto de desespero. Era rico, casara com a estonteante Jean Harlow — tudo indicava que havia de ser feliz.

Há um mal — universal, aliás — irremediável, e que tem em Hollywood uma influência maior do que noutro qualquer lugar. Esse mal é a solidão, tanto mais atrás quanto é certo que se verifica, numa terra pejada de homens que representam a comédia da amizade; de mulheres, que representam a comédia do amor — de pessoas, afinal, para quem a única ambição é chegar ao fim, sem olhar aos meios...

Paul Bern devia ter tido também os seus dramas íntimos. Ninguém se interessava por eles. Casou, e encontrou uma rapariguinha fútil, que via, nele, apenas, um marido alegre, simpático — e nada mais.

Cançou-se, ao trilhar sozinho, a árdua ladeira da vida. E pôs termo à existência.

Um suicídio simbólico...

Há dramas menos conhecidos e tão impressionantes, como o que apontamos.

O caso de Peg Entwistle, por exem-

plo. Viera de Broadway, onde ganhara certo nome. Em Hollywood, haviam-lhe prometido a glória e a fortuna. Habituada à camaradagem do palco — onde a solidariedade não é uma palavra vã — estranhou muito Hollywood. De meia dúzia de confissões e impressões que se troquem, fica alguma coisa! Renasce a confiança e a fé no futuro.

Ora, em Hollywood, ninguém lhe lava. O seu trabalho não despertou interesse algum. Deram-lhe um papel em «Thirteen Women», ao lado de Myrna Loy e Irene Dunne — mas era como se não existisse.

As obrigações limitavam-se à filmagem de algumas cenas e pouco mais. Depois, o isolamento continuo, até o

dia seguinte — à hora de recomençar as tomadas de vistas.

Privada de toda a convivência, sem marido, sem noivo, devia-lhe pesar o fardo da vida, assente só sobre os seus ombros. Triunfar, para quê?! Quem a animava e se interessava por ela?! Sentia-se à beira do abismo!

«Venha-me ver!» Dizia ela, numa carta, a uma das suas amigas de Nova-York. «Estou tão só aqui!»

Tão só, na realidade, que, dias mais tarde, atirou-se do alto duma das gigan-

A corrida da morte

Hellen Halle, que se celebrizou, também com o nome de Darienne Dove, sentiu, um dia, a batalha perdida e envenenou-se. Constance Lygo, que chegou a ser uma das mais célebres girls do Folies, não conseguiu triunfar em Hollywood, e procurou acabar com a vida. É preciso mais coragem para viver, em Hollywood, do que para morrer.

Kitty Coleman, popularíssima em Nova-York, demandou Hollywood, para a conquistar. Encontrou, apenas, amargura e desapontamentos. Fechou-se no seu quarto, abriu o gás... e pronto.

Marie Gasnier, que foi célebre pela sua beleza, enguliu uma poção venenosa. Sujeita a uma intervenção, conseguiu salvar-se.

Alice «Pat» Pemkerton conseguiu ser extra em vários filmes. Depois, a roda da fortuna andou ao contrário. Abriu as veias... Acabou-se.

Lou Tellegen foi célebre. Depois, esqueceram-no, abandonaram-no. Suicidou-se na sua banheira.

Lya de Putti, lindíssima, uma mulher adorável, tentou várias vezes suicidar-se. À terceira, não a puderam salvar...

A rocha dos suicidas

A dois passos de Hollywood, sobre um «canyon», no meio dum cenário gigantesco, há um local famoso, pelo número de suicidas que o escolheram para pôr fim aos seus dias. De 1932 para cá, mais de cinquenta artistas pro-

cinematográficos

tescas letras luminosas que, no topo da colina, indicam, à noite, a aproximação da cidade do Desespêro: *Hollywood!* Foi da trave, que une as duas hastes laterais do H, que Peg Entwistle se lançou, para o vazio, depois de olhar, pela última vez, a cidade lucidamente, adormecida a seus pés, em plena noite. A dois passos do seu corpo inanimado, foi encontrada a carta com o brado angustioso a que nos referimos.

curaram nele o repouso ambicionado. A polícia tentou vigiar o local, quasi permanentemente. Nada conseguiu!

Hollywood, não resta dúvida, é uma das cidades mais esgotantes. Tem encantos, tenta, como nenhuma outra. Mas é falsa, dura, perigosa...

As borboletas, que volteiam em redor da luz, às vezes, também queimam as azas...

L. M.



Jean Harlow e Paul Bern, em plena lua de mel, fotografados quinze dias antes do drama que, depois se desenrolou...

LITTLE AMÉRICA

um reconhecimento. Deixam para trás, o mar de Ross, e descobrem uma região a perder de vista, onde surgem, como imóveis ondas dum oceano fastidioso, montanhas e mais montanhas, que nenhum ser humano até aí vira.

No regresso, uma tempestade súbita, põe em sério risco a aeronave e seus tripulantes.

Enquanto os seus companheiros se dedicam aos vários estudos, que figuram no programa da expedição, o almirante Byrd dispõe-se a empreender a maior façanha de todos os tempos: Procurar aproximar-se o mais possível do Polo Sul e aí ficar, totalmente só, durante cinco meses, envolto nas sombras da noite polar, para proceder a



Capital do Desconhecido



L EMBRAM-SE, por certo, do filme Com Byrd, no Polo Sul, relato cinematográfico da primeira expedição do Almirante Byrd, ao Antártico. O arrojado explorador empreendeu segunda viagem, e, desta vez, também trouxe um filme, que devemos ver esta época, e que se intitula Little América, capital do desconhecido.

Cinquenta e seis homens acompanharam Richard E. Byrd, na sua arrojada aventura. Dois operadores cinematográficos, John Herrmann e Carl Petersen, faziam parte da caravana.

Durou anos, a expedição. Fizeram-se estudos mimuciosos e alurados das regiões antárticas. Os raios cósmicos foram observados a 16.000 pés de altitude. Os simógrafos registraram as mais pequenas oscilações dos gelos. Os biólogos ocuparam-se da fauna do Antártico. O «plankton», observado ao microscópico, trouxe novas revelações. O rádio-magnetismo naquelas regiões foi analisado em curiosas experiências. Pesquisaram-se os filões carboníferos da montanha da Rainha Maud, etc., etc.

O «clou» desta aventura prodigiosa reside neste facto: Durante sete meses ininterruptos, o almirante Byrd viveu no Polo Sul, isolado dos seus companheiros, suportando uma temperatura que chegou a 80 graus abaixo de zero.

De tudo, o filme nos dá relato minucioso e completo, a ajuizar pelo argumento que reproduzimos a seguir:

O Jacob Ruppert e o Bear of Oakland metem carga em Newport News, em Virginia. Acabada a faina, largam com rumo ao Antártico, par iniciar a viagem de 15.000 milhas que os levam ao Polo Sul.

Deixam, para trás, o Canal de Panamá, a Ilha da Páscoa, a Nova Zelândia e cruzam os mares, onde flutuam os primeiros ice-bergs, a guarda avançada das regiões do gelo.

A viagem torna-se mais árdua. Os dois veleiros estão agora em pleno An-

O RELATO DA SEGUNDA EXPEDIÇÃO do Almirante BYRD ao POLO SUL

tártico. A custo, abrem caminho por entre os extensos blocos de gelo, que em breve, se transformam em autênticos desertos gelados.

Ao chegar a Little América, onde haviam estabelecido a sua base, quando da primeira expedição, encontram, sepultadas na neve, o que resta das construções erguidas, há quatro anos. O seu primeiro cuidado é pô-las em estado de servir. Toda a área do acampamento é limpa dos grandes blocos de neve. Em breve, se erguem, de novo, as ocomodações dos expedicionários, os armazens de viveres, a torre da rádio, etc.

O almirante Byrd, prodígio de tenacidade, dá o exemplo. Com a sua pa, tancia-se vigorosamente ao trabalho. E inicia-se, então, a descarga dos mantimentos, de bordo do Jacob Ruppert e do Bear of Oakland, para os depósitos talhados no gelo, frigoríficos naturais.

Antes de que o mar se converta numa espessa camada de gelo, os veleiros têm que regressar a Nova Zelândia, donde só volverão, passado um ano.

Os meios de transporte de que dispõe a expedição resumem-se nos clássicos trenós, puxados por cães. Para fins de exploração, contam com os aeroplanos. Logo na primeira tentativa de voo, um deles cai e o piloto Bill Mac Cormick fica ferido.

O almirante Byrd, o piloto Harold June e a tripulação do gigantesco avião Condor, equipado com «skis», em lugar de rodas, levantam voo para efectuar

importantes observações meteorológicas.

Tomadas as providências necessárias, Richard E. Byrd, parte no seu avião, que está munido com um aparelho de T. S. F. As ordens que deixa aos seus subalternos são claras e terminantes:

«Haja o que houver, suceda o que suceder — ninguém tentará sequer prestar-lhe socorro algum».

A princípio, tudo corre bem. A rádio faz-se ouvir e liga, através do eter, os dois núcleos de expedicionários. Mas uma noite, à hora habitual, Byrd não fala. . . durante cinco longos dias reina um silêncio de morte, que enche de preocupações, pela sorte do seu chefe, os dedicados companheiros.

Houve, de facto, alguma coisa. Byrd esteve a ponto de morrer asfixiado, devido a um escape de gás dum dos aparelhos de calefação. Mas, passado o perigo, tudo correu bem, e, meses depois, o gigantesco Condor regressou, trazendo a bordo, Byrd, o conquistador do Antártico.

Semanas depois, a expedição empreende a viagem de regresso, não sem que antes houvesse enriquecido a história das explorações polares com mais um capítulo brilhantíssimo.

E a segunda viagem de Byrd, ficará eternamente documentada, graças ao cinema!



No
natal

SHIRLEY
TEMPLE
na

Menina dos Caracóis

nos cinemas

PALÁCIO
Odéon

distribuição da

Companhia cinematográfica de Portugal

Elisabeth Blair (6 anos), mais conhecida pela menina dos caracóis, revoluciona o orfanato onde está internada, com as suas diabruras e simpatia. Um administrador acaba por adoptá-la e casar com a irmã mais velha de Shirley.

A *Cinématographie Française*, referindo-se a este filme notável, declara: «Esta deliciosa comédia, cheia de cenas divertidas, está posta em cena com um luxo espantoso. Devemos citar a música que é linda, e os cenários — como se não encontramos em muitas super-produções.

«Shirley excede-se a si própria. Dança, canta, brinca — e faz imitações irresistíveis. John Botes, a linda Rochelle Hudson, e excelentes artistas de segunda categoria, mantêm a interpretação num nível admirável.»

Em resumo: mais um triunfo, para a Companhia Cinematográfica de Portugal (Secção Fox) e um êxito garantido para o Palácio e Odéon, que têm fita, para levar... e durar!

SHIRLEY Temple, a miuda-boneca, o ídolo de todos — novos, velhos, crianças — vai reaparecer, brevemente, nas telas dos cinemas Palácio e Odéon, e na melhor de todas as suas comédias, *A Menina dos Caracóis* (*Curly Top*).

A Menina dos Caracóis é ela, a endiabrada Shirley, com o seu sorriso gaiato, as covinhas no rosto, uma canção perpetuamente nos lábios, os pés irrequeitos, sempre prontos para um «zapateado», bem marcado.

Shirley tem tradições no nosso público. Os seus filmes são sempre adoráveis, de graça, de ingenuidade! São espectáculos, que encantam e divertem, ao mesmo tempo.

E na *Menina dos Caracóis*, Shirley é inesgotável, de «verve» e de alegria. Faz uma imitações deliciosas, do que será ela, através dos anos — desde a miuda adorável de hoje até à velhinha encaquilhada, que, por certo — quando já mal se lembrar de *Curly Top*... — virá a ser.

A história resume-se em poucas palavras:



xou-a para ir ter com os rapazes ao «hall»:

— Chegou a hora, meninos! Está cá uma potaca excêntrica, que nos pode ser útil: a condessa Scharwenka. Tratem de a prender. Vamos dar uma audição especial, em sua honra.

Os rapazes não se fizeram rogados. E, daí a pouco, Scharwenka, assombrosa, encantada, começou a dançar ao ritmo do «jazz». Quis ver os músicos e veio encostar-se à galeria do primeiro andar, que dominava o «hall». Huck Haines viu-a e, surpreso, fez-se de mil e uma côres.

— Diabos me levem! É ela, com certeza.

Largou a batuta, e desalou a correr, pelas escadas acima. A bela condessa percebeu a manobra e fugiu também. Mas Huck conseguiu agarrá-la:

— Pronto, estou perdida... exclamou ela! Vê, ao menos, se te calas.

Huck compreendeu tudo. Lizzie, a sua amiguinha doutros tempos, arranjara aquela mystificação para se impor. E ficou encantado por a encontrar. De resto, tinham contas antigas a ajustar.

a casa — o que o deixou embaraçado-simo.

Como é que poderia substituir a tia Minnie, pôr-se à testa duma das mais célebres casas de modas de Paris? Tornar-se num «gentleman» já era difficilissimo! Mas, dum instante para o outro, armar-se costureiro, era bem mais complicado ainda!

E expôs aos seus amigos Huck e Lizzie a situação difficil em que se encontrava:

— No decurso de várias conversas, minha tia pôs-me ao corrente dos seus projectos: tencionava deixar a casa a Stephanie, que era a amadora. Mas quereria Stephanie dirigí-la?

— Insiste com ela! aconselhou Huck. Antes de poder consultar a rapariga John teve que suportar o assalto dos jornalistas, ansiosos por ouvir os projectos do novo costueiro. Este disse barbaridades tais que os reporteres, por pouco, o tomaram por doido. Mas as suas declarações, reproduzidas nos jornais, fizeram uma sensação enorme e Sophie Teale, ex-amante de John, em Nova-York soube, com espanto, que o

John, ingénuo, apiedado, abraçou a pobre naufraga da vida... Stephanie surpreendeu o quadro. Fez-se muito pálida. Não quis lutar com semelhante adversária e preferiu calar o seu amor.

Mas Huck velava. Queria muito a Stephanie e detestava a outra. E seguiria à primeira:

— Quando miss Teale vier escolher os fatos para ela, convença-a a levar os que John mais detesta.

— De modo algum... protestou Stephanie, com dignidade.

— Então eu trato de tudo...

E tão hábilmente se houve que nessa noite Sophie appareceu no Calabre Russo com o fato mais detestado por John. John disse-lhe coisas tais, que Sophie zangou-se e attribuiu as culpas a Stephanie, dizendo que fóra uma vingança dela.

John abandonou-a. Por um lado, estava contente. Por outro, custava-lhe suportar a ideia de que a sua sócia o quisesse amesquinhar.

Viu Stephanie numa sala reservada aos aristocratas russos. Costumavam reúnir-se ali, para, naquela atmosfera familiar, encontrar o encanto e deslumbramento doutros tempos. Stephanie, cantava, ao piano, uma ária nostálgica.

Embragado, John, quis desfeiteá-la. Mas foi repellido. A seu lado, o príncipe Ladislav, o rapaz do elevador da casa Roberta, defendia-a, impondo no seu uniforme rutilante de condecorações estrangeiras.

Furiado consigo e com a sua «entourage», John retirou-se...

— Era um facto... Perdera para sempre a amizade de Stephanie. No dia seguinte, numa carta, ella dizia-lhe que abandonava o seu lugar. E, desorientado, John seguiu-lhe as pisadas...

* * *

Lizzie e Huck nomearam-se a si próprios «directores interinos» da casa Roberta. E quando no dia seguinte, Stephanie foi buscar algumas coisas suas, que lá deixara, elles tanto lhe disseram, tanto pediram, que a convenceram a preparar ainda o «stock» para a nova temporada. Mas ella pôs uma condição. No dia da passagem dos modêos, deixaria a França.

* * *

A passagem de modêos, condimentada com um «intermezzo» musical pelo «jazz» de Huck Haines, foi um acontecimento parisiense. John, desolado, assistia a tudo, ansioso por falar a Stephanie, pedir-lhe perdão e confessar-lhe o seu amor... Porque, na realidade, não podia viver sem ella.

Quando appareceu, os russos, a seu lado, não esconderam a sua admiração:

«Miss Teale...»

Os nossos filmes



ROBERTA

Inclinou-se, com cerimoniosa ironia, e apresentou-se:

— Marquês de Indiana! Se não arranjias um contrato para a gente, estás perdida minha peste...

Passada a surpresa do encontro, Lizzie viu logo o partido que poderia tirar d'ele. O «jazz» era notável. E, além disso, Huck Haines contava-se no número dos mais espantosos bailarinos, e era o parceiro ideal para ella. Como se tudo não bastasse, tinham ainda belas recordações de momentos passados, que seriam agradáveis de reviver...

* * *

A Scharwenka pôs-se em campo para conseguir contrato para os seus amigos. E andou tão bem, que convenceu o próprio Voyda a contratar Haines e a sua orquestra.

Minnie Roberta, sobrecarregada pelos anos e pelo trabalho insano da sua casa de modas, morreu. E John herdou

mesmo se tornara num dos célebres costureiros de Paris.

E ella, que o abandonára, logo ir ter com elle, para benevolenta situação de prosperidade se encontrava!

* * *

Quando Huck descobriu Sophie Teale na casa Roberta viu logo que a catástrofe se avizinhava. E, de si para si, jurou pôr o amigo a coberto das extorsões da bela e pretenciosa americana.

John, sócio já de Stephanie, apaixonava-se, dia a dia, pela sua nova sócia. A presença da bella estava a ser, como uma promessa sem fim. Mas, por acanhamento, não se declarava...

A chegada inesperada de Huck deixou-o perplexo. Como hábil soube falar-lhe ao coração, recordou os amores de sua vida... Era o passado que

O que é isto? Pedi que me arrandassem um «jazz» de pelotes vermelhas, com penas na cabeça — e trazem-me «rostos pátidos»? Um corriqueiro «jazz» americano?! Pois, muito bem! Podem ir pelo mesmo caminho! Muito boa noite!

Foi assim que Abraham Moisevitch Voyda, o célebre empresário, acolheu, no cais do Havre, o «jazz» incomparável de Huck Haines (Fred Astaire), vindo de Indiana, e apresentado pelo seu «manager» John (Randolph Scott).

Os pobres músicos entre-olharam-se consternados. O que ia ser d'elles, em França, sem contrato.

— Vamos para Paris! propôs John. Lá, haremos de nos arranjar.

— Conheço lá uma rapariga, uma ex-colega minha, suspirou Huck. É uma loiraça, que deve ser artista de «music-hall». Chama-se Elisabeth Steven (Ginger Rogers), mas todos a tratam por Lizzie.

— Eu vou ver a tia Minnie. É uma das modistas mais célebres, dona da famosa Roberta! Estou convencido de que nos poderá ajudar, aventou John a animar os outros.

* * *

A ideia não era tão má como parecia. A orquestra invadiu o imponente «hall» de Roberta, a mansão da moda.

John, maravilhado, admirava o quadro sumptuoso, a distincção do pessoal, recrutado entre os russos arruinados! Que luxo! Que bom tom! Como se sentia «gauches», elle, o gigantesco americano, infantil e brusco, ante sua tia, tão parisiense, tão distinta, tão fina. Uma pessoa houve que intimidou o jôvem yankee: M.^{me} Stephanie (Irene Dunn), a primeira «vendedusa» da casa, uma mulher formosíssima, tão graciosa como digna. E parecia acolher com simpatia a aduiração ingénua, que lia nos olhos daquele rapagão sem mistérios. Sentiam-se já amigos, um do outro.

* * *

Como é de calcular, a tia Minnie acolheu com o maior carinho, aquele sobrinho que lhe caía do céu, com um bando de rapazes, barulhentos e originaes. E, quando a tia e sobrinho se encontravam em ameno colónio, Stephanie, irritada, veio advertir Roberta.

— E outra vez a condessa Scharwenka, com um ataque de nervos. Provou o vestido e embirrou com elle. Eu desisto de tentar acalmá-la.

Roberta explicou: — É uma fidalga polaca, que adora o escândalo. Canta e dança nas «boites» nocturnas, só para irritar a aristocracia.

— Vou domá-la, declarou John. E domou-a, com effeito. A beta condessa, seduzida por aquele rapaz aléptico, desfez-se em sorrisos. John dei-



Sam Goldwyn, Mary Pickford, Charlie Chaplin e Douglas Fairbanks, os quatro magnates da United Artists.

CARTA DE BERLIM

KARL Ritter escolheu para o seu novo filme um tema de palpitações aventuras. Depois de *Lockvogel* e *Liebe, Tod und Teufel*, que evocam o Oriente e o mundo das pequenas ilhas oceânicas, o enredo do seu novo filme desenrola-se numa ilha abandonada em Pleno Atlântico. O filme chama-se *Os últimos quatro de Santa Cruz*, e é extraído dum conhecido romance de Frank, intitulado *Die letzten Vier von St. Paul*.

É uma ilha vulcânica, quasi desconhecida, onde se diz que existem grandes viveiros de lagostas. Uma notícia sensacional publicada nos jornais, faz com que um grupo financeiro francês se interesse pela ilha, resolvendo organizar uma companhia, que explorará a pesca das lagostas e instalará uma fábrica de conservas. Para começar, manda-se um navio com o encargo de preparar a nova empresa lagosteira. Esta, porém, só existe no papel; a ideia de formar a companhia, não é mais do que um autêntico conto do de vigário, à custa do qual meia dúzia de meliantes ganham uma fortuna, até que recebem a merecida punição.

Para filmar os exteriores deste filme, os quadros artísticos e técnicos da produção Ritter embarcaram em Hamburgo a bordo de um vapor, com destino a Tenerife, nas Canárias. Ai, numa parte da ilha, onde só vegetam os cactos e as plantas selvagens, encontrou o produtor os motivos necessários para as filmagens. O trabalho não era nada simples. O pessoal feria-se nos espinhos dos cactos, cortava os pés nas arestas das pedras vulcânicas, e alguns coxeavam até, de quedas que davam. Apesar destas peripécias, os trabalhos continuavam com metódica regularidade.

Nas horas vagas, iam todos para o mar. Um banho de mar refresca os espíritos adormecidos e proporciona

esplêndidos exercícios de natação, nas ondas alterosas da praia. Muitos, seduzidos pela amplitude marítima, ou por um recanto mais pitoresco da ilha, nadavam para longe, ante a inquietação dos que ficavam em terra, receosos de que andassem por ali os tubarões...

Um dia, quando o sol brilhava sobre o mar com mais intensidade do que a luz dos projectores do estúdio, todo o pessoal cinematográfico resolveu mergulhar o corpo nas águas salinas. O produtor Ritter, que ficara na praia, notou, de repente, que, de uma barca de pescadores, lhe faziam sinais. Sem compreender bem o que os sinais significavam, o chefe de produção pegou no binóculo e começou a percorrer com os olhos a superfície marítima. De repente, tornou-se intensamente pálido. Com o binóculo, descobriu a barbatana enorme de um tubarão, que emergia da água e parecia aproximar-se dos banhistas.

Ritter alarmou imediatamente o pessoal que ficara na praia e todos juntos, num côro unísono, começaram a gritar como possessos: «Cuidado! Os tubarões!»

Um dos banhistas, Beppe Brem, contou, mais tarde, que passara um momento de indescrevível pânico, de mais a mais sem sentir terra debaixo dos pés. Os dois actores mais habituados ao mar, Hermann Speckmans e Josef Sieber, nunca mais tomaram banho naquela praia.

Irene von Meyendorff, uma jovem artista descoberta pela Ufa e que trabalha neste filme, pela primeira vez, descreveu da seguinte maneira êsses minutos de sobressalto: «Nós não sabíamos que havia por ali tubarões, porque estes peixes perigosos raras vezes aparecem nas alturas das Canárias. O que nós vimos era sem dúvida um exemplar único.»

Stephanie. Teria desposado Ladislav? As vezes, as aristocratas preferem um título ao dinheiro... Mas não! Não se destruiria, assim, o seu sonho.

Depois da passagem, quando a viu correr para a porta da rua, com uma pequena mala na mão, supôs que ia partir para a viagem de núpcias.

—Stephanie, deixe-me felicitá-la. Sentese feliz, ao menos, por ser princesa?! Ela olhou-o, sem nada compreender. Como parecia infeliz, o pobre rapaz!

—Adeus! murmurou! Gostaria tanto de a ter feito minha mulher — mas não lhe poderia oferecer o título que a Stephanie ambicionava.

Tudo se desfez, naquele instante. Tristezas, mal-entendidos, ressentimentos. Stephanie explicou! Fôra sempre uma princesa. Ladislav era seu primo. E só tivera na vida um amor — John.

Abraçaram-se, doidos de alegria. Tardara a felicidade, mas viera por fim.

No mesmo instante, algumas salas adiantes, Huck e Lizzie haviam descoberto que, afinal de contas, o casamento é a melhor forma de garantir o amor e que um par de bailarinos não perde nada, se legitimar, no registro civil e na igreja, a sua união.

Myrna Loy

(Conclusão da pág. 9)

lheres foi uma javanesa mestiça, «vamp»... e criminosa.

Mamoulian conseguiu fazê-la triunfar na comédia em *Ama-me esta noite*, onde desempenhava um papel secundário, ao lado de Chevalier. E, quando supunha estar definitivamente livre dos papéis «alucinantes», como ela lhe chamava, obrigaram-na a filmar *A Máscara de Fu Manchu*. Foi o «bouquet».

Van Dyke revela-a

Van Dyke, entretanto, repara naquela rapariga, cheia de encanto e de personalidade. Vira-a, antes, em *Animal Kingdom*, ao lado de Leslie Howard, e em *Topaze*, com John Barrymore.

Van Dyke contratou-a. !! começou a série que a havia de impor: *Um Crime no Terraço*, com Warner Baxter; *O Inimigo Público n.º 1*, com Powell e Clark Gable. *O Homem Sombra*, com Powell também. Mais tarde, filmou *Derradeira Vitória*, com Capra, *Nas Azas da Noite*, para a Paramount, e *Evelyn Prentice*, para a Metro, que a tem sob contrato.

... fim, a celebridade!

to! Myrna é hoje célebre, rica e os garotos do bairro, que se ando ela lhes contava os seus cinegráficos, transformaram-se em admiradores fiéis, e não faltam de todos os seus filmes.

s. Williams está contente com o ne, que voga hoje, formosa e as águas serenas da fortuna e da

STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

STADIUM

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores;
úe todo o movimento desportivo do País

INAS, CHEIAS DE OPTIMAS E FLAGRANTES GRAVURAS
ESCUDOS 1500

...sado pela Comissão de Censura

Uma pele tão branca
como o jaspe

No rosto, pescoco, braços
e mãos



NOVA CERA
EXTRAÍDA
DE FLORES

Ao sair da juventude a pele assombreira-se. Cada ano imprime nela «pigmentações» acastanhadas, manchas (sardas) e rugas, os estigmas da idade. Toda a mulher moderna pode branquear rapidamente a sua pele, aplicando à noite, antes de se deitar, uma cera pura e pastosa (extralda das flores) chamada Cire Aseptine. Durante o sono esta cera penetra lentamente na antiga camada exterior endurecida da pele grossa, áspera e escura que amolece e tira em pequenas partículas facilmente removidas na ablução matinal. É assim que se revela uma nova pele, fresca, lílial e juvenil que elas cobriam.

Para evitar as diferenças de cor na pele não deixe de aplicar a Cire Aseptine igualmente sobre todas as partes que deseje branquear: rosto, pescoco, braços e mãos. O seu custo é mínimo e vende-se nas perfumarias e boas casas do ramo.

Não encontrando, pode dirigir-se à Agência Aseptine em Lisboa — 88, Rua da Assunção — que atende na volta do correio.

PÁGINA TEATRAL

Caixa do Ponto

Um actor

PASSARÁ, a muitos, despercebido, o esforço que Alves da Cunha vem fazendo, para manter um género de teatro, do qual o público, não sabemos porquê, tão afastado anda.

No entanto, é fácil avaliar quanto representa de vontade firme, de desinteresse mesmo, a luta que o nosso primeiro actor de declamação vem mantendo com o gosto das plateias.

Rodeado dum conjunto em que não faltam elementos de valor, Alves da Cunha continua mantendo o fogo sagrado, que só a sua presença alimenta e sustenta.

Actualmente, fez do Trindade o reduto das suas ilusões.

Correspondendo ao seu esforço e à sua boa vontade de nos dar teatro sério, o público não faria mais do que pagar uma dívida de gratidão, vindo ao mesmo tempo trabalhar um artista português, que os estrangeiros que nos visitam não conseguem ofuscar.

Todos ao mesmo...

Já repararam? Há pouco, quasi todos os teatros do género ligeiro trabalhavam com revista. Era uma fé. Era uma uniformidade de ideias que impressionava. Pois daqui a pouco — vocês vão ver! — vamos ter por aí tantas operetas populares, que a gente nem sabe para que lado se há de virar!

Os géneros teatrais vêm assim, em revoadas, como as andorinhas...

Não seria melhor uma misturazinha, que não fizesse o público aborrecer-se de qualquer dêtes?...

Grandes montagens

A propósito da revista do Coliseu, temos ouvido por aí censurar algumas empresas, que não conseguem deslumbrar, com o luxo dos cenários, os olhos dos espectadores.

Ora, a nosso ver, é preciso distinguir. Nem todos os teatros se podem arriscar — pelas suas lotações — a grandes aventuras. Montar, num teatro pequeno, uma revista caríssima, é contar, de antemão, com rendimentos que nem sempre vêm.

Assim, não podemos concordar com os que exigem, em pequenos teatros, grandes montagens.

Concordamos, porém, e plenamente, com os que afirmam que poderia haver, em muitos dêtes, um bocadinho de bom gosto...

Novos obstáculos...

Reina o pânico no meio teatral, a propósito da recente impossibilidade de se representar uma revista, já representada, na qual foram incluídos outros números, também já representados.

Assim — pergunta-se — se já nem as peças e os números representados e censurados se podem voltar a representar, que vamos fazer?

Eis uma pergunta a que não podemos, infelizmente, responder...

Um realizador

Eugénio Salvador, o ensaiador de bailados e marcações da revista «Anima-te... Zés», conseguiu, com este seu novo e brilhante trabalho, impôr-se, em

PRÓLOGO

HA dias, o nosso prezado colega «República» publicava, na sua secção de teatros, meia coluna de prosa sobre o escritor Lino Ferreira. Acreditamos que o pseudónimo «Mários», que assina o artigo, encubra o nome dum jornalista profundamente conhecedor das coisas de teatro; estamos certos, mesmo, de que, pela maneira como sobre o assunto escreve, é nele absolutamente entendido; simplesmente as suas palavras nos não pareceram justas.

E, porque assim é, pedimos licença para devidamente as apreciar.

Dedur o articulista que, se a peça «Madre Alegria» teve um sucesso enorme em Espanha e o não teve em Portugal, é porque a adaptação está mal feita.

Começamos, aqui, por não concordar. Uma peça espanhola, embora tenha obtido, no país vizinho, um grande sucesso, pode ser bem adaptada para português e não conseguir agradar no nosso país.

Questão de ambiente, de sensibilidade das plateias, de mil e um factores, enfim. Há assuntos «inadaptáveis» — por muito bem que os adaptem.

Porque atribuir, pois, o pouco sucesso de «Madre Alegria», no nosso Teatro Nacional, ao facto de ler sido mal traduzida?

Escreve «Mários» que «este activo homem de teatro tem açambarcado nos últimos tempos quasi todos os nossos teatros, fechando assim a porta aos novos autores que querem estrear-se».

Também não concordamos. Lino Ferreira é, evidentemente, um profissional de teatro, que, como tal, há de preterir colocar o maior número de peças possível. Não concordamos, porém, com

o termo «açambarcar». Aquele escritor só coloca as peças que as empresas lhe encomendam — e os empresários lá serão porque o fazem.

Convém esclarecer que o autor destas linhas não tem nenhuma revista para colocar com a colaboração de Lino Ferreira. Mas, sabemos, Lino Ferreira tem feito estrear muitos autores novos, e não nega o seu auxilio a todos os que lhe apresentam trabalho aproveitável.

Porém — e com que tristeza o escrevemos! — é muito pouca, infelizmente, a percentagem de boa produção que a gente nova apresenta!

Ainda recentemente foi representada, com enorme êxito, uma revista, assinada por três novos, mas cuja factura Lino Ferreira dirigiu. E nós sabemos a grande parte do sucesso que é devida à sua colaboração e à sua experiencial

Lino Ferreira, com o seu amor ao teatro, tem perdido verdadeiras fortunas. Ainda não esqueceu, a muitos, a lentativa do «Teatro Novo». Como se lhe pode recusar que receba, do teatro, um pequeno juro do muito capital que nele perdeu?

Acreditamos, sinceramente, na boa fé com que o articulista da «República» escreveu o artigo a que nos referimos. À roda dos que, na nossa terra, conseguem trabalhar e vencer, cria-se, geralmente, um ambiente de más-vontades, que nasce nos cafés e chega, confusamente, às redacções.

Incluimo-nos, gostosamente, no número dos novos que querem trabalhar. E, por isso mesmo, vemos em Lino Ferreira um exemplo a admirar e a seguir.

E que nos perdêem ambos: — o camarada que escreveu o artigo e o escritor que não precisa de advogados nem nos encomendou a sua defesa...

ARTISTAS QUE MARCAM

VI

LINA DUVAL

O grande público que frequenta os nossos teatros de revista, ainda não fixou, definitivamente, o nome de Lina Duval.

Trata-se daquela rapariga bonita que, no Maria Vitória, dança com o Salvador, e que o público, embora ainda não a conheça, como merece, já se habituou, indiscutivelmente, a aplaudir.

Dotada duma grande gentileza, a par duma intuição vulgar, Lina Duval forma, com Eugénio Salvador, uma apreciável parrelha de baile, que, de



peça para peça, vem evidenciando, cada vez mais, o seu progresso.

PEÇAS ESTREADAS

«Anima-te Zés», no Maria Vitória

A revista que está em cena no Maria Vitória, com o pleno agrado do público, é, de facto, merecedora de tal, pois possui, com poucas, as condições hoje necessárias para que se verifique, num teatro de revista, um êxito completo.

Porém, — e queremos desde já fazer esta afirmação, — o êxito de «Anima-te, Zés», deve-se, em grande parte, ao extraordinário dinamismo que lhe souberam imprimir. «Anima-te, Zés», anima, de facto, a plateia. Os números sucedem-se com rapidez, num «crescendo» de interesse e de vibração, que não dá ao espectador, tempo para pensar qual é o melhor.

Em tudo bem doseada, a peça nova do Maria Vitória é uma revista perfeita, graciosa, e que, se fôssemos da opinião de que os teatros também tem categorias, — diríamos que até estaria bem num teatro menos popular.

Tudo está certo. Cada coisa no seu lugar, a seu tempo, sem deslocções prejudiciais ao conjunto, que, assim, consegue ser perfeito.

definitivo, à admiração do público e da critica.

Sabemos avaliar o que representa tal esforço, mormente com a «matéria prima» de que dispôs.

Trata-se dum novo, que procede ao contrário do que muitos outros novos estão fazendo:

— Fala menos que os outros, mas trabalha consideravelmente mais...

É de absoluta justiça citarmos aqui o nome da pessoa a quem se deve o êxito obtido: Lopo Lauer.

Empresário, autor, realizador, — mas sempre artista moderno, daqueles que não deixaram de fazer uma coisa só nunca se fez, Lopo Lauer merece, da critica e do público esta homenagem.

Foi êle quem juntou esforços quem reuniu trabalhos, quem ligou «dinamismo» a uma peça, inspirando-lhe o conselho, a um tempo popular e moderno, é, absolutamente, o segredo do êxito de «Anima-te, Zés».

A companhia, completamente integrada, ideia do realizador, deu à peça a interção que ela exigia, e trabalhou com uma tade, com um acerto, que, tanto como a cativou o público.

Maria das Neves, trabalhou, como sempre, com a naturalidade e simpatia que fizeram dela um dos ídolos do nosso teatro de revista. E pena é que os compositores da música da peça lhe não tivessem escrito um número. Mirita, muito bem em todos os papéis, de que destacaremos «o andador», bela caricatura, muito valorizada pela marcação; Maria Fernanda é uma actriz bonita pática, que ajudada nos números que, gentilmente, lhe foram distribuídos; Gomes, a bela característica de Luiza Durão, Deolinda de So Duval, todas bem, e, sobretudo balhando com gosto.

Dos homens, Carlos Leal, Alvaro Almeida, Ribeirinho, Costinha, Carlos Ban

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 9 — 16 DE DEZEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Lillian Harvey
da
L.S.C.

NO: O Bonus de um mês de graça, aos novos assinantes que se inscreverem